



## A Oficina Escrevivências como práxis da pedagogia libertadora

Rosânia Oliveira do Nascimento (PPGAS/MN/UFRJ - rosaniaoliveira01@gmail.com)  
Hellen Rodrigues Batista (ICS/SOL/UnB – hellenrodriguesbatista@gmail.com)

**Resumo:** Neste artigo, apresentamos os fundamentos teórico-políticos e as experiências pedagógicas da Oficina Escrevivências a qual estivemos à frente enquanto fundadoras e oficinairas. Em 2017, a Oficina Escrevivências surgiu como prática de desobediência antirracista afirmando a literatura negro-brasileira como práxis da pedagogia libertadora (hooks, 2019). De lá para cá, finalizamos duas edições com duração de um semestre cada, aprofundando a obra de duas escritoras negras, respectivamente, a mineira Conceição Evaristo e a carioca Cristiane Sobral. As oficinas literárias e de escrita criativa basearam-se no Movimento Negro Educador (Gomes, 2017), na Literatura Negro-Brasileira (Cutí, 2010) e Literatura Negro-feminina (Santos, 2018), que são diretrizes políticas e pedagógicas que redefinem o nosso papel de oficinairas como agentes de cultura e mediadoras da educação não-formal.

**Palavras-chave:** escrevivências; escritoras negras; oficinairas; literatura negro-feminina; educação libertadora.

## The Escrevivências Workshop as a praxis of liberation pedagogy

**Abstract:** In this article, we present the theoretical-political foundations and pedagogical experiences of Escrevivências Workshop, which we led as founders and workshops. In 2017, the Escrevivências Workshop emerged as a practice of anti-racist disobedience affirming black-Brazilian literature as a praxis of liberation pedagogy (hooks, 2019). Since then, we have completed two editions lasting one semester each, delving deeper into the work of two black writers, respectively, Conceição Evaristo from Minas Gerais and Cristiane Sobral from Rio. The literary and creative writing workshops were based on the Movimento Negro Educador (Gomes, 2017), Literatura Negro-Brasileira (Cutí, 2010) and Literatura Negro-feminina (Santos, 2018), which are political and pedagogical guidelines that redefine our role as workshops as agents of culture and mediators of non-formal education.

**Keywords:** escrevivências; black women writers; workshops; black-female literature; liberation education.



## Introdução

Neste artigo, apresentamos as principais experiências pedagógicas da Oficina *Escrevivências*, a qual surgiu como projeto de pesquisa e extensão, em 2017, apoiada pelo Programa de Oficinas Comunitárias de Arte e Cultura formulado, regulamentado e financiado<sup>1</sup> pela Diretoria de Esporte e Atividades Comunitárias (DEAC) da Universidade de Brasília (UnB). Visando reparar as desigualdades sociais das/os discentes, o referido edital incentivou a ministração de cursos de curta duração, com ênfase na arte e cultura, com protagonismo destas/es discentes oriundas/os da Assistência Estudantil. Naquele ano, em especial, o projeto apoiou-se no modelo de oficina literária, centrada em obras da escritora mineira Conceição Evaristo. Importante destacar que os encontros semanais previam a apreciação literária acompanhada de técnicas de escrita criativa.

As/os autoras/es negras/os fundam o *corpus* e fortuna crítica da literatura negro-brasileira (Cutí, 2010) e literatura negrofeminina (Santos, 2018), tradição inserida no campo da Educação. No âmbito da produção e editoração dos Cadernos Negros, cooperativa literária Quilombo hoje, as/os escritoras/es negras/os advêm do campo da Educação e da atuação no movimento social negro. Lembrando a escritora Conceição Evaristo (2010, p. 139), “a literatura negra brasileira não está desvencilhada das pontuações ideológicas do Movimento Negro Unificado (MNU)”.

Para evidenciar a afirmação, apoiamo-nos na história de vida e trajetória profissional das duas principais autoras que nortearam as edições da Oficina *Escrevivências*. Conceição Evaristo, além da formação intelectual e autoral, é professora aposentada da rede pública de ensino do Rio de Janeiro, e Cristiane Sobral é artista, empreendedora social e educadora do Distrito Federal. Isto está ligado à noção de *escrevivências* como concebido pela escritora Conceição Evaristo (Ibidem), a qual inspira o nome poético dado à oficina.

Dessa forma, a literatura negro-brasileira lampeja o nosso projeto e a principal técnica de escrita criativa desenvolvida no decorrer da nossa caminhada - as Cartas

---

<sup>1</sup> Em um momento político e econômico marcado pelo avanço de governos de ultradireita na América Latina, como aquele vivenciado no Brasil entre 2019 a 2022 na vigência do Governo Bolsonaro, consideramos salutar destacar a importância de editais públicos abertos à comunidade discente das universidades públicas federais deste país diante dos retrocessos orçamentários que ainda vilipendiaram a educação pública brasileira.



Negras -, ferramenta esta que fortalece o vínculo afetivo e o impulso à escrita das/os participantes dos nossos encontros. Buscamos essa referência no histórico da série Cadernos Negros<sup>2</sup>, pois, em 1991, um grupo de amigas e escritoras negras composto por Lia Vieira, Sônia Fátima da Conceição, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro e Conceição Evaristo decidiram se corresponder por cartas endereçadas umas às outras à fim de criar um dossiê ligado ao universo feminino negro, seguindo o intuito de estimular a escrita literária (Itaú Cultural, 2017).

Em 2019, a Oficina *Escrevivências* retomou suas atividades com apoio fundamental de outro edital público viabilizado pela instância universitária supracitada. O projeto atendeu ao público formado por mulheres (cis e trans), pessoas negras e periféricas. A avaliação da edição anterior permitiu extrapolar os muros acadêmicos graças à visibilidade alcançada pelo projeto em uma determinada rede social. Naquele momento, a produção do conteúdo digital baseado no compartilhamento de experiências presenciais ampliou diálogos, aproximou o público dasicineiras, das editoras e autoras/es negras/os.

A Oficina *Escrevivências* integrou entre 2017 a 2021 as atividades culturais do Distrito Federal. Nesse sentido, participamos de alguns eventos acadêmicos e/ou comunitários, como ocorrido na edição especial Oficina *Escrevivências* na Bahia<sup>3</sup>, realizada durante o Novembro Negro em Salvador e no Quilombo Pesqueiro Conceição, no Recôncavo Baiano, em 2019. Desde a segunda edição, ocorrida no segundo semestre de 2019, definimos o foco e o escopo das atividades pedagógicas e científicas pensando a produção literária independente à fim de trazer à cena a produção da escritora Cristiane Sobral, artista e educadora, nascida no Rio de Janeiro e radicada no Distrito Federal desde a década de 1990.

Nesse ínterim, a Oficina *Escrevivências* provoca a academia a conceder mais espaço para as atividades integradas à extensão e pesquisa, pois como preconizado pela

---

<sup>2</sup> Fundada em 1978 pelo grupo Quilombhoje, a série Cadernos Negros foi responsável pela editoração e publicação da produção literária afro-brasileira (contos e poemas). Com longa periodicidade, atualmente é coordenado por Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa.

<sup>3</sup> Na Bahia, a Oficina *Escrevivências* realizou três atividades educativas, a saber, na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), *campus* de Cachoeira, sob produção e realização das professoras Josinelma Rolande e Jurema Machado. Estivemos presentes no SERNEGRA e na Comunidade Quilombola e Pesqueira de Conceição de Salinas, município de Salinas da Margarida, Recôncavo Baiano, fomos convidadas pela Associação de Pescadoras e Quilombolas desta comunidade.



escritora Conceição Evaristo (2010), antes de mais nada, a literatura negro-brasileira reivindica outros sentidos para o sujeito histórico, político e social que emerge do *corpus* literário negro. O principal resultado dos referidos encontros incidiu na produção literária; porém, entendemos a palavra escrita a partir da experiência estético-corpórea, como defende a educadora Nilma Lino Gomes (2017).

A mediação apoiou-se em vínculos afetivos para fortalecer a participação integral dos grupos políticos minorizados que compunham a Oficina *Escrevivências*, outrora pessoas silenciadas em espaços hegemônicos como a sala de aula e/ou grupos de pesquisas e militância estudantil. A segunda edição intitulada Oficina *Rasuras no Cânone*, apoiada por edital do DEAC/UnB, ampliou vozes que construíram o espaço pedagógico calcado em inovadoras práticas libertadoras, apoiada pelos ensinamentos da educadora afro-estadunidense bell hooks<sup>4</sup> (2019).

### **De leitoras a oficinairas: a construção político-pedagógica da Oficina *Escrevivências***

A Política de Ações Afirmativas tornou as instituições de ensino superior públicas em espaços menos homogêneos, o que levou o corpo discente, docente e técnico-administrativo a provocar novas compreensões sobre o que é intelectualidade. Como defendido pela educadora Nilma Lino Gomes (2017: 94), “o corpo negro não se separa do sujeito. A discussão sobre regulação e emancipação do corpo negro diz respeito a processos, vivências e saberes produzidos coletivamente”. A Oficina *Escrevivências* surgida, em 2017, pelas mãos e sonhos de Rosânia Oliveira do Nascimento, baiana, geógrafa e antropóloga, Renata Canto, baiana, arquiteta e urbanista, e posteriormente integrada em 2019 por Hellen Rodrigues Batista, brasiliense e socióloga (Figura 1), revelou a bagagem pessoal das pesquisadoras e convidadas (oficineiras e participantes) que reivindicavam, dentro e fora de sala aula, a incorporação de novas ementas bibliográficas e *práxis* pedagógica que assegurem suas visões de mundo, conforme teorizado pela educadora bell hooks (2019).

---

<sup>4</sup> Neste artigo, respeitamos a grafia em minúsculo da autora em voga. A obra que baliza a compreensão da pedagogia libertadora atravessa a obra de bell hooks. Entretanto, no livro *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra*, a autora (hooks, 2019: 324-325) reserva um capítulo para explicar ao seu público o uso deste pseudônimo. “bell hooks é um nome de família. É o nome da minha bisavó materna. (...) Escolhi o nome bell hooks porque, além de ser um nome de família, soava forte”.

Figura 1. Da esquerda para a direita, Renata Canto, Rosânia do Nascimento e Hellen Rodrigues no espetáculo *Traga-me a cabeça de Lima Barreto*, no Palco Giratório 2019, SESC-Brasília



Fonte: Acervo pessoal das autoras (2019)

O primeiro passo consistiu na organização da primeira edição intitulada *Oficina Escrevivências*, em homenagem à escritora mineira Conceição Evaristo. A etapa inicial versou no levantamento do material multimídia como fotografias, relatos, filmografia e músicas da Ocupação Conceição Evaristo (Itaú Cultural, 2017). Além disso, buscamos outros excertos literários autorizados no Portal Literafro<sup>5</sup> (UFMG). Conforme Constância Duarte *et al* (2016), faz-se necessário realizar pesquisas avançadas em *sites* a fim de identificar, selecionar e organizar a fortuna crítica, traduções, obras individuais e coletâneas de ficção e não-ficção da autoria negra, escritoras, críticas, pesquisadoras e artistas negras. Seguindo isso, nós pesquisadoras eicineiras frequentamos diversos eventos acadêmicos, artísticos e feiras literárias para compreender o funcionamento do mercado editorial independente de expressão negra no Distrito Federal.

---

<sup>5</sup> Idealizado pelo grupo NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, da Faculdade de Letras da UFMG, o portal está ativo desde o início dos anos 2000 reunindo um catálogo diverso de autoria negra africana e diaspórica, sendo também responsável pela publicação de importantes coletâneas e artigos científicos sobre a temática da literatura afro-brasileira e africana, como preferem designar suas/seus coordenadoras/es.



As principais participantes/colaboradoras das oficinas foram, em sua maioria, pessoas negras (mulheres cis e trans) que apresentavam diferentes experiências e perspectivas educacionais, faixa etária, gênero, classe social, raça/etnia e sexualidade. O referido edital assegurou vagas gratuitas a todas/os as/os participantes, entretanto, algumas destas foram exclusivamente destinadas ao grupo de estudantes assistido pela política pública de permanência da UnB. No entanto, houve ampla divulgação nas redes sociais e nos *campi* da instituição para diversificar o quadro de vagas. De tal modo, atingimos participantes com pouca proximidade com a escrita e prática literária à escritoras e artistas distritais, cada uma, ao seu modo, apresentou múltiplas contribuições afetivas e literárias.

A Oficina *Escrevivências* realizou nove encontros semanais dispostos da seguinte forma: “Conceição Evaristo por Conceição Evaristo”, abertura e apresentação deste curso de curta duração; “Da construção de Becos”, inspirado no segundo romance da escritora (Evaristo, 2017a) com a intervenção da primeira convidada Calila das Mercês, pesquisadora, intelectual e idealizadora do projeto Escritoras Negras da Bahia. Na sequência, o segundo encontro foi intitulado “O ponto de partida da escrita” abordando alguns dos contos das obras “Histórias de Leves Enganos” (Evaristo, 2017b) e “Olhos D’água” (Evaristo, 2016a); Vozes-Mulheres com ênfase na obra “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” (Evaristo, 2016b). Em seguida, foi realizada a Oficina de Escrita Performática em parceria com o grupo “Pretxs em Cena”, idealizado pelas artistas e produtoras culturais Victor Hugo Leite, o vhfro, e Cinthia Santos, que trouxeram como convidada a escritora Cristiane Sobral (vide figura 1).

Destarte, seguimos com o sétimo encontro intitulado “Afetividade e auto-reconhecimento da Mulher Negra”, com intervenção da jornalista Emily Almeida; “Panorama da Literatura Negra e Periférica no Distrito Federal” com *workshop* da artista e escritora Nanda Fer Pimenta e, por fim, “Carolina nos Becos da Memória” com mediação da educadora baiana Naiala Amorim.





Figura 2. Em primeiro plano, a escritora e educadora Cristiane Sobral; à esquerda desta, algumas participantes, Ana Carolina Gonzaga e Marina Silva e a oficinaira Rosânia do Nascimento.



Fonte: Maysa Camelo, educadora e participante da Oficina Escrevivências, 2018.

No decorrer dos encontros, o grupo assumiu coletivamente o espaço de protagonismo, de alguma forma, ocupando o lugar do sujeito político. Como pontuado pela escritora Conceição Evaristo (2010: 136), “quando falamos de sujeito na literatura negra, não estamos falando de um sujeito particular, de um sujeito construído, segundo uma visão romântico-burguesa, mas de um sujeito que está abraçado ao coletivo”. No nono encontro, anunciamos a doação (vide figura 2) da obra completa da escritora Conceição Evaristo para a Biblioteca Central da UnB. Em razão disso, a atitude política reflete os anseios da Oficina *Escrevivências* compartilhada com as participantes e convidadas, haja vista até àquela altura identificamos que não havia disponível a obra da autora no acervo daquela instituição.



Figura 3. Encontro entre oficinas Rosânia do Nascimento e Renata Canto, as participantes Hellen Rodrigues e Jéssica Mathias e a escritora Conceição Evaristo oficializando a doação da obra desta autora à Biblioteca Central da UnB (BCE/UnB).



Fonte: Maysa Camelo, educadora e participante da Oficina Escrevivências, em 2018.

A doação política consistiu em oportunizar o acesso livre e gratuito a estudantes negras e pesquisadoras/es da instituição e, em segundo lugar, incitar a reconsiderar o racismo institucional e o epistemicídio que refletiam na rarefeita presença da produção negra. Conforme a filósofa Sueli Carneiro (2023: 89), o epistemicídio é um elemento que constitui o dispositivo da racialidade, a autora defende que o conceito foi desenvolvido por Boaventura de Sousa Santos, assim, funciona pela exclusão e desqualificação dos povos subjugados, incluindo o segmento de pessoas negras. Desse modo, o epistemicídio é um processo persistente de inferiorização intelectual do Outro à medida em que opera a “negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais”, visando “o controle de mentes e corações”.

A segunda ponta da Política de Ações Afirmativas é justamente mobilizar novos saberes e conhecimentos negros como matrizes epistemológicas da universidade pública. Portanto, coube à Oficina *Escrevivências* apertar este laço coletivamente. Conforme a educadora Nilma Lino Gomes (2017: 95), “é nesse aspecto que o corpo negro e os saberes produzidos sobre o mesmo ocupam um lugar central na tensão regulação-emancipação e nos conhecimentos por ela produzidos”.





Na segunda edição do projeto, em 2019, intitulada Oficina *Rasuras no Cânone*, inspirada em Cristiane Sobral (2018), fez-se alguns ajustes pedagógicos e metodológicos a partir da proposta anterior. A participante Hellen Rodrigues Batista tornou-se oficinaira e pesquisadora do projeto. Seu interesse foi despertado para apreender a representação das escritoras negras no rol da literatura nacional no âmbito de uma pesquisa de iniciação científica em curso na época, do qual deu origem ao trabalho final defendido na área de Sociologia pela UnB (Batista, 2023).

A referida pesquisa de iniciação científica intitulada “Carolina Maria de Jesus: escrevivências de uma escritora negra” versou sobre a imagem constituída pela mídia e os espaços acadêmicos em relação a esta escritora durante o centenário de nascimento, ou seja, no lapso temporal de 2014 a 2017. No cenário brasileiro, como constatado em achados de pesquisa, as ausências e os silenciamentos que atravessavam a trajetória das escritoras negras foram considerados constitutivos do epistemicídio no sistema literário, na mídia e na academia.

Em 2019, a Oficina *Escrevivências* integrou o circuito cultural do Distrito Federal mediante a profissionalização das autoras deste artigo enquanto oficinairas e agentes de cultura. No âmbito universitário e da economia criativa, tivemos que lidar com as dificuldades orçamentárias para operacionalizar o plano educacional do projeto em voga. Além disso, a proposta promoveu-se em um ambiente pouco propício aos novos modos de ensino e aprendizagem - a Universidade -, haja vista que após o Impeachment da Presidenta eleita Dilma Rousseff, em 2016, medidas restritivas foram impostas ao orçamento educacional, logo, interromperam iniciativas nos âmbitos da pesquisa e extensão como a nossa. Por um lapso de tempo, seguimos de forma independente até ser restabelecida financeiramente por edital público estudantil.

Fincada na experiência teórico-metodológica anterior, a segunda edição apoiou-se nas narrativas e expressões artístico-culturais negras. A Oficina *Rasuras no Cânone* contemplou escritoras e artistas do Distrito Federal como Nanda Fer Pimenta (2018), Débora Rita (Layó) (2018), Kika Sena (2017), Fernanda Muniz (2018) e Waleska Barbosa (2019). Lembrando que a escritora Cristiane Sobral (2011; 2016a; 2016b; 2016c 2018; 2019) foi a figura homenageada principal. Entendemos que as artistas e poetas informam a tradição intelectual negra no Distrito Federal, promovendo seu próprio autofinanciamento, participação em festivais, palestras em centros educacionais e



disputam editais públicos de fomento à arte e cultura para que seus trabalhos autorais estejam em circulação no âmbito distrital e nacional.

Na segunda edição, os encontros semanais ocorreram no campus Darcy Ribeiro da UnB. A formulação de novas metodologias pedagógicas surgiu diante de um novo obstáculo imposto ao projeto pela própria instituição: o espaço físico. A instância responsável pela operacionalização dos horários e espaços físicos não priorizou garantir o acesso a uma sala de aula convencional com cadeiras, quadro e carteiras. Como a homenageada foi a artista Cristiane Sobral, ressignificamos esse obstáculo. Assim, a sala cedida do Núcleo de Dança, do Instituto de Artes (IdA/UnB), passou a ter outros usos e sentidos para repensar a corporeidade negra como importante elemento cênico e discursivo das práticas educativas executadas pelo projeto (Gomes, 2017).

### **Do silêncio à fala: a construção do espaço pedagógico seguro**

Nesta segunda seção, consideramos a práxis da pedagogia libertadora (hooks, 2019) a baliza política e metodológica da Oficina *Escrevivências*, assim, temos dito que a aprimoração se fundamentou nos pressupostos da literatura negro-brasileira (Evaristo, 2010; Cuti, 2010). Nesse sentido, repensamos nosso papel como formadoras de novas leitoras e leitores e nos destacamos enquanto agentes de cultura na divulgação e circulação das publicações do mercado editorial negro independente e local. Em outro sentido, a consciência racial advinda do nosso ativismo levou-nos a defender a educação antirracista e o posicionamento antissexista em nossas atividades e aparições públicas.

Partindo da autoria negra, no rol da crítica literária e dos estudos literários, até pouco tempo havia certa resistência à adoção das nomenclaturas literatura negro-brasileira, literatura negra e/ou literatura afro-brasileira. Aliadas à politização empreendida pelas escritoras negras, defendemos que o surgimento da Oficina *Escrevivências* compõe a luta das Ações Afirmativas e da militância negra. Conforme o escritor e intelectual Luiz da Silva, o Cuti (2010: 44-45).

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa branca que a englobaria como um todo a receber; daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar



da participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciada à sua gênese social ativa.

Assim, destacamos três pontos essenciais que permitem a construção do espaço pedagógico seguro da Oficina *Escrevivências*, respectivamente: a) conceituar espaço seguro, segundo o pensamento feminista negro empreendido pela socióloga afro-estadunidense Patricia Hill Collins (2019); b) afirmar o direito à fala, à escrita e à participação em espaços públicos e c) criar a metodologia afetiva intitulada Cartas Negras.

Neste momento, talvez, surjam perguntas: Como se constrói o espaço seguro? Como se relaciona ao público do projeto? O espaço seguro parte da escuta ativa, seguida do diálogo aberto e franco. Como a duração da Oficina *Escrevivências* acompanhou o calendário acadêmico da Universidade de Brasília (UnB) e atingia, sobretudo, mulheres (cis e trans) e outras minorias políticas, reconhecemos a importância de transformar aquele espaço físico em um lugar de trocas, aprendizagens e afetos díspares dos ambientes hierárquicos acadêmicos.

Figura 4. A Oficineira Renata Canto em uma atividade coletiva a partir da obra “Sangue”, da escritora Nanda Fer Pimenta, com as participantes Keyla, Joice e Nadine.



Fonte: Maysa Camelo, educadora e participante da Oficina *Escrevivências*, 2018.



Portanto, desenvolvemos olhares mais atentos e sensíveis para valorizar as experiências poéticas e artísticas. Muitas participantes se conheciam da militância estudantil e negra distrital; outras acompanhavam-se pelas redes sociais ou integravam o circuito artístico-cultural. As demais participantes afirmaram diversas vezes que buscavam no projeto a representação de si na literatura e algum espaço para expressar-se com mais criatividade.

Como apregoado na primeira seção deste artigo, as arestas surgem por ressaltar os marcadores sociais que nos diferenciam enquanto pesquisadoras, escritoras,icineiras e participantes. Como adverte a socióloga Patrícia Hill Collins (2019: 185), embora “a dominação seja inevitável como fato social, é improvável que seja hegemônica como ideologia dentro de espaços sociais nos quais mulheres negras falam livremente”. Assim, romper o silêncio em direção à fala para grupos oprimidos não é uma condição estimulada em espaços sociais que incluem a academia. Conforme a referida autora, espaços seguros visam promover diálogos de forma profunda e estimulante baseados no processo de escuta, fala, segurança e escrita; instrumentos estes que ampliam novas linguagens (Ibidem).

A voz é entendida como extensão do corpo e ocupa lugar central nas práticas educativas da Oficina *Escrevivências*, pois estimula diversos sentidos corpóreos. Em um determinado encontro da edição Oficina *Rasuras no Cânone*, por exemplo, pedimos aos/às participantes para relaxarem confortavelmente ao som da canção “Mama Kalunga”, interpretada pela cantora baiana Virgínia Rodrigues. Dispostas no chão do Núcleo de Dança, do IdA/UnB, as/os participantes puderam ouvir e sentir os sons do ambiente, os sons emitidos por seus próprios corpos (respiração, pensamento), a extensão sonora do canto lírico negro e as orientações das pesquisadoras/icineiras. Em concomitância, seguimos com a declamação dos poemas da escritora Cristiane Sobral, modulando nossas vozes negras para exprimir diversas sonoridades do eu-poético e da narradora.

Como o tema daquele encontro perpassou o lugar da ancestralidade e maternidade na obra “Não vou mais lavar os pratos” (Sobral, 2016), muitas/os participantes relataram que a voz da cantora encontrou-se diversas vezes com o eu-poético e/ou com a narradora, o que provocou sensações pelos corpos como arrepios e calma que as sensibilizaram para exprimirem pranto, saudade, empatia e consolação. Na sequência, após a



recomposição da turma envolta em um círculo, abrimos para o debate a fim de compartilharmos a experiência. Por conseguinte, pedimos que elas identificassem na obra elementos centrais como temáticas, caracterização das personagens e a identificação da narradora, a qual classificamos como personagem onisciente e/ou etnográfica.

Em especial, na referida atividade, surgiram exemplos de temas como errância, banzo, dores, alegrias e perdas. Em alguma medida, as/os participantes mencionaram que a ideia da maternidade se conectou ao imaginário da Mãe África evocada à experiência negra cantada por Virgínia Rodrigues. Noutros relatos reunidos posteriormente, o poder vocal da cantora intrínseca à poética da escritora Cristiane Sobral despertou nas participantes memórias afetivas e lembranças das suas anciãs ou cuidadoras como, por exemplo, avós, mães, tias e madrinhas.

Repetimos estratégias pedagógicas como estas em outros encontros do projeto para estimular o corpo negro por inteiro, pois é muito comum em salas de aula convencionais da Escola e academia a sobreposição da visão aos demais sentidos. Assim, as estudantes, quando são cobradas para desenvolverem atenção e concentração ao quadro e ao mestre exprimem pouco seus sentimentos nesses espaços, pois temem sanções e constrangimentos. Percebemos que as diversas mulheres (cis e trans) procuraram a Oficina *Escrevivência* como subterfúgio e cura - o espaço pedagógico seguro (Collins, 2019).

Como afirma a educadora afro-estadunidense bell hooks (2019), a transição do silêncio à fala para as mulheres negras trata-se de uma postura política que cura e liberta. A construção deste espaço seguro pedagógico possibilitou para alguns grupos das participantes presentes o lugar da enunciação e partilha; elas encontraram-se acolhidas para romper o lugar da invisibilidade. Erguendo a voz, mostraram a sua potência sem medo de revelarem suas subjetividades.

Assim, nós, pesquisadoras eicineiras da Oficina Rasuras no Cãnone, propusemos leituras em voz alta, desafios coletivos, interpretações musicalizadas, poetização de excertos de romances que estavam de acordo com as nuances estilísticas e estéticas da literatura negro-brasileira. Conforme a escritora Conceição Evaristo (2010: 134), “viver a poesia em tais circunstâncias, de certa forma, é assegurar o direito à fala, pois pela criação poética pode-se ocupar um lugar vazio apresentando uma contrafala ao discurso oficial, ao discurso do poder”.





Ao compartilhar o caminho em defesa da literatura negro-brasileira, a escritora Conceição Evaristo narra que a sua geração literária defendia o programa político da negritude. Assim, tiveram que enfrentar o cânone acadêmico e a crítica literária para afirmar o “lugar de transgressão ao apresentar fatos e interpretações novas a uma história que antes só trazia a marca, o selo do colonizador. Afinal, é também transgressora optar por uma estética que destoava daquela apresentada pelo colonizador” (Evaristo, 2010: 133-134).

À guisa final desta seção, destacamos algumas produções criativas oriundas das metodologias da Oficina *Escrevivências*. A transição do silêncio à fala tornou-se possível graças ao processo empreendido baseado na pedagogia libertadora da educadora afro-estadunidense bell hooks. Ainda conforme a autora, o modelo pedagógico deve apoiar-se:

No movimento feminista libertador [que] pretende transformar a sociedade e erradicar o patriarcado, acabando com o machismo e a opressão sexista, desafiando as políticas de opressão em frentes. A pedagogia feminista só pode ser libertadora se for verdadeiramente revolucionária, pois os mecanismos de apropriação dentro do patriarcado de supremacia branca capitalista são capazes de cooptar com tremenda facilidade o que meramente parece radical (hooks, 2019: 115-116).

Nesse sentido, a metodologia da Oficina *Escrevivências* considerada pelas próprias participantes como sendo de maior impacto emocional foram as Cartas Negras. Ao nosso ver, as Cartas Negras garantem o direito à fala. Em geral, o exercício dessa escrita individual e coletiva é o diferencial do projeto, assim, as cartas podem partir da rememoração de um episódio marcante da infância e vivência das/os participantes. Assim, em conjunto, os elementos referendados funcionam como instrumentos que despertam a escrita de suas mãos, ou seja, mãos negras, femininas e periféricas que foram desvalorizadas em outros espaços formais de escrita. Afinal, a figura do “escritor” tem sido definida como ofício burguês da cena editorial brasileira.

A princípio, a leitura das Cartas Negras ao público em geral desperta nas participantes certo empoderamento, pois muitas não se reconhecem na imagem de “autora” até serem ouvidas por seu primeiro público-leitor do projeto, suas colegas participantes e convidadas. Acrescentamos que as mulheres negras têm sido pouco benquistas na literatura nacional, a liberdade da escrita criativa desvanece-se quando revelamos a quem deve se destinar as referidas Cartas Negras. Em especial, sugerimos



que podem ser endereçadas às personagens do texto lido na ocasião, à autora da referida obra, podem também ter como inspiração literária suas mães, avós, filhas, namoradas ou amigas.

O rito final sinaliza a importância da partilha que se dá mediante a leitura dos textos em voz alta. Neste momento, os processos ocorrem de maneira mais intensa, pois somos comovidas/os a sentir o vínculo afetivo construído naquele espaço pedagógico seguro. A leitura em voz alta faz-se necessária para confirmar que o único desejo daquela escritora, de maneira geral, é ter seus manuscritos lidos por um público-leitor majoritariamente feminino negro, ativo e afetivo. Diante disso, reiteramos que a metodologia das Cartas Negras não ambiciona de maneira alguma inquirir-se como fórmula mágica para as demais experiências pedagógicas, pelo contrário, demonstramos aqui que a Oficina *Escrevivências* transgrediu o pretensiosismo editorial e curatorial que impõe padrões de escrita.

Desse modo, não visamos ensinar as participantes a escreverem, mas instigá-las a se perceberem e se afirmarem publicamente como leitoras e escritoras. Inspiradas na eloquente metáfora da escritora Conceição Evaristo, tivemos por objetivo principal da Oficina *Escrevivências* oportunizar ao público assenhorear-se da pena, este objeto falocêntrico branco que tomou para si a definição do regime de escrita, reproduzindo narrativas canônicas no Brasil (Evaristo, 2005). Ainda que fossem cartas negras escritas à mão, não limitamos a imaginação das/os participantes, as incentivamos a demarcarem o seu posicionamento literário e político na cena da literatura negro-brasileira e nacional.

### **Considerações finais**

Devemos ao campo da literatura negro-brasileira, os pressupostos políticos, ideológicos e teóricos-metodológicos que orientam a Oficina *Escrevivências*. Nesse sentido, as orientações pedagógicas estão definidas pela pedagogia libertadora da educadora bell hooks (2019). No decorrer desta caminhada, enfrentamos adversidades complexas como a falta de materiais básicos e a insegurança que atravessa a experiência das mulheres negras (Collins, 2019). Comumente, afirmamos que a Oficina *Escrevivências* não ofereceu apenas o aparato para discussões no ambiente acadêmico,



potencializamos coletivamente o sentido da existência das mulheres negras para além da dor.

Conforme a educadora bell hooks (2019), tratar sobre a dor evoca aprender que é fácil dialogar sobre ela, em certas ocasiões faz-se necessário compartilhá-la. Devemos compreender que o grito de liberdade pode ser feito com percepções outras para além das lágrimas, angústia, raiva ou tristeza. A Oficina *Escrevivências* teve por princípio apresentar outro universo de saberes a todas/os participantes que estão abertas/os para práticas educacionais transgressoras.

Destarte, os encontros semanais passaram a ser um lugar de aprendizagem coletiva em que o respeito e a escuta se fizeram basilares. Apresentamos aqui algumas das principais experiências advindas da atuação como pesquisadoras, oficinas literárias e agentes de cultura. Infelizmente, no corpo-página de um artigo acadêmico não é possível acrescentar intensas emoções das autoras que entendem que o desenvolvimento da rasuras ao cânone (Sobral, 2018) não deve ser feito simplesmente à academia, à crítica literária e/ou ao mercado editorial, mas sim às demais práticas do racismo, sexismo e epistemicídio que engavetam alguns textos e sonhos de tantas mulheres negras talentosas e potentes.

As rasuras no cânone significam, acima de tudo, erigir a práxis diária que organiza todo o espaço pedagógico seguro, no qual a troca significa a chave de existência e resistência negra. Esse movimento não se iniciou conosco, isto posto, saudamos às mais velhas como nos ensina a educadora Nilma Lino Gomes (2017), as escritoras e educadoras negras de gerações anteriores e nossas contemporâneas nos dão forças para entender que escrever também é resistência.

Falar de sonhos, paixões e desejos dentro de uma estrutura altamente opressiva soa inoperante ou tarefa hercúlea da qual somos “vencidas” por episódios de racismo e machismo no seio da produção e circulação intelectual. No entanto, os ensinamentos que apresentamos aqui alinham-se à práxis pedagógica construída coletivamente por mulheres negras. Entendemos que somos sujeitas (in)visibilizadas que também amam, gozam, sorriem e que fazemos planos. Acionar narrativas negro-femininas é também sobre a ressonância das vozes-mulheres e suas escrevivências (Evaristo, 2010).



## Referências

BARBOSA, Waleska. 2019. *Que o nosso olhar não se acostume às ausências*. Brasília-DF, Edição Independente.

BATISTA, Hellen Rodrigues. “De uma Pedagogia Libertadora à Criação de um Espaço Seguro: A Oficina Escrevivências Enquanto Materialização de Vozes Outras”. 2023. *Monografia* (Graduação em Sociologia) Departamento de Sociologia- Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. 2019. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille. Pinheiro Dias. São Paulo-SP, Boitempo.

CUTI. 2010. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo, Selo Negro. (Coleção Consciência em Debate).

CARNEIRO, Sueli. 2023. *Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. São Paulo-SP, Zahar.

DUARTE, Constância Lima *et alii*. 2016. *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte-MG, Idea Editora.

EVARISTO, Conceição. 2005. “Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira”. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*, 1(1), p. 52-54:

EVARISTO, Conceição. “Literafro: o portal da literatura afro-brasileira”. Belo Horizonte-MG, 22 de agosto de 2020. Autoras. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> Acesso em 29 de julho de 2020.

EVARISTO, Conceição. 2017b. *Histórias de leves enganar e parencas*. 3ª edição. Rio de Janeiro-RJ, Editora Malê.

EVARISTO, Conceição. 2017a. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro-RJ, Pallas.

EVARISTO, Conceição. 2016a. *Olhos D'Água*. Rio de Janeiro-RJ, Pallas. (Biblioteca Nacional).

EVARISTO, Conceição. 2016b. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. 2ª edição. Rio de Janeiro-RJ, Editora Malê.

EVARISTO, Conceição. 2010. “Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira”. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida”. *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte-MG: Mazza Edições, p. 132- 144. (Coleção Sete Falas).



GOMES, Nilma Lino. 2017. *Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis-RJ, Vozes.

hooks, bell. 2019. *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo-SP, Elefante.

ITAÚ CULTURAL. *Ocupação Conceição Evaristo*. São Paulo-SP, 2017, 75 páginas.

MUNIZ, Fernanda. 2018. *A saudade é mulher*. Brasília-DF, Padê Editorial. (Cole-sã Escrevivências).

PIMENTA, Nanda Fer. 2018. *Sangue*. 2ª edição. São Sebastião-DF, Padê Editorial.

RITA, Débora. 2018. *Cartas para NegraLua*. Brasília-DF: Padê Editorial. (Cole-sã Escrevivências).

SANTOS, Mirian Cristina dos. 2018. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro-RJ: Malê.

SENA, Kika. 2017. *Periférica*. Brasília-DF, Padê Editorial. (Cole-sã Odoyá).

SOBRAL, Cristiane. 2011. *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*. Brasília-DF, Editora Dulcina.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. 3ª edição. Brasília-DF: Editora Garcia, 2016a.

SOBRAL, Cristiane. *O tapete voador*. Rio de Janeiro-RJ: Editora Malê, 2016b.

SOBRAL, Cristiane. 2016c. *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*. Brasília-DF, Edição independente.

SOBRAL, Cristiane. *Teatros Negros: estéticas na cena teatral brasileira*. São Paulo-SP: Edições Me Pariô Revolução, 2018. (Coleção Quadro Negro).

SOBRAL, Cristiane. 2019. *Dona dos Ventos*. São Paulo-SP, Patuá.

## AGRADECIMENTOS

À Diretoria de Esporte e Atividades Comunitárias (DAC/DEAC/UnB), especialmente aos servidores públicos Brenda Oliveira e Euler Soares. Na Bahia, à Associação de Pescadores/as Artesanais e Quilombolas de Conceição de Salinas-BA e à professora Jurema Machado da UFRB. Às convidadas da primeira edição da Oficina *Escrevivências*: Nanda Fer Pimenta, Calila das Mercês, Naiala Amorim, Emily Almeida, Victor Hugo Leite, Cinthia Santos e Cristiane Sobral. Às mais de 150 participantes da Oficina *Escrevivências*, especialmente a Maysa Monteiro Camelo, nossa amiga pessoal e parceira que contribuiu fortemente com as fotografias, discussões e trocas pedagógicas e intelectuais, e a Josinelma Rolande Bogéa (DAN/UnB).